

Elena Gilbert pisou no trecho macio de relva, as folhas porosas se desfazendo sob seus pés. Galhos de roseiras escarlate e esporinhas violeta subiam do chão, enquanto um imenso dossel pendia no alto, cintilando suas lanternas reluzentes. No terraço à frente havia duas fontes de mármore, brancas e curvas, jorrando água no ar. Tudo era lindo, elegante e, de certo modo, familiar.

Este é o palácio de Bloddeuwedd, disse uma voz em sua mente. Mas, quando Elena esteve ali da última vez, o gramado estava apinhado de convidados da festa, risonhos, dançando. Agora se foram, embora ainda houvesse sinais da presença dos mesmos: taças vazias nas mesas montadas à margem do gramado; um xale de seda atirado em uma cadeira; um único sapato de salto alto empoleirado na beira de uma fonte.

Havia mais alguma coisa estranha também. Antes, a cena tinha a luz vermelha infernal que refletia em tudo na Dimensão das Trevas, transformando azuis em roxos, brancos em cor-de-rosa e rosa na cor aveludada do sangue. Agora uma luz clara brilhava sobre tudo e uma lua branca e cheia percorria calmamente o céu.

Um ruído de movimento veio de trás, e Elena percebeu com um sobressalto que não estava sozinha. Subitamente havia uma figura escura *ali*, aproximando-se dela.

Damon.

Claro que era Damon, pensou Elena com um sorriso. Se alguém apareceria diante dela inesperadamente e ali, no que parecia ser o fim do mundo — ou pelo menos uma hora depois de uma boa festa ter terminado —, tinha de ser Damon. Meu Deus, ele era tão bonito. Preto no preto: cabelos negros e macios, olhos escuros como a meia-noite, black jeans, uma jaqueta de couro preta e lisa.

Quando os olhos deles se encontraram, ela estava tão feliz por vê-lo que mal conseguia respirar. Atirou-se em seu abraço, enlaçando-o pelo pescoço, sentindo os músculos leves e rijos dos braços e do peito dele.

— Damon. — Sua voz tremia por algum motivo. O corpo também tremia, e Damon afagou Elena nos braços e nos ombros, acalmando-a.

— O que foi, princesa? Não me diga que está com medo. — Ele sorria para ela de um jeito preguiçoso, as mãos fortes e firmes.

— Eu *estou* com medo — respondeu Elena.

— Mas do quê?

Isso a deixou confusa por um momento. Depois, lentamente, colocando o rosto no dele, ela falou:

— Tenho medo de que isto seja só um sonho.

— Vou lhe contar um segredo, princesa — disse-lhe no ouvido.

— Você e eu somos as únicas coisas reais aqui. Todo o resto é sonho.

— Só você e eu? — Elena repetiu, perturbada por uma ideia inquietante, como se tivesse se esquecido de alguma coisa... ou de alguém. Um floco de cinza caiu em seu vestido e ela o espanou, distraída.

— Somos só nós dois, Elena — disse Damon incisivamente. — Você é minha. Eu sou seu. Nós nos amamos desde o começo dos tempos.

É claro. Só podia ser por isso que ela estava tremendo — alegria. Ele era dela. Ela era dele. Pertenciam um ao outro.

Ela sussurrou uma só palavra: “Sim”.

E então ele a beijou.

Os lábios de Damon eram macios como seda; Elena tombou a cabeça para trás quando o beijo ficou mais intenso, expondo o pescoço, na expectativa da mordida que ele lhe dera tantas vezes.

Como não aconteceu, Elena abriu os olhos, indagativa. A lua brilhava como sempre e o cheiro de rosas era forte no ar. Mas as feições cinzeladas de Damon estavam pálidas sob o cabelo preto, e mais cinzas caíam nos ombros da jaqueta dele. De repente as pequenas dúvidas que a preocupavam convergiram.

Ah, não. Ah, não.

— Damon. — Ela ofegou, olhando nos olhos dele com desespero enquanto as lágrimas enchiam os dela. — Você não pode estar aqui, Damon. Você está... morto.

— Há mais de quinhentos anos, princesa. — Damon lhe abriu seu sorriso inebriante. Mais cinzas caíam em volta deles, como uma chuva fina, as mesmas cinzas sob as quais estava enterrado o corpo de Damon, a mundos e dimensões de distância.

— Damon, você está... morto. Não um morto-vivo, mas... extinto.

— *Não*, Elena... — Ele começou a bruxulear e a esmaecer, como uma lâmpada que se apaga.

— Sim. Sim! Eu o abracei quando morreu... — Elena chorava, desamparada. Agora não conseguia sentir os braços de Damon. Ele desaparecia na luz trêmula.

— Escute, Elena...

Ela abraçava o luar. A angústia tomou seu coração.

— Só precisa chamar por mim — disse a voz de Damon. — Só o que precisa...

A voz sumiu no farfalhar do vento pelas árvores.

Os olhos de Elena se abriram de repente. Em meio à névoa, ela percebeu que estava num quarto ensolarado e que um imenso corvo se empoleirava no peitoril da janela aberta. A ave tombou a cabeça de lado e grasnou, fitando-a com os olhos brilhantes.

Um arrepio de frio desceu por sua espinha.

— Damon? — sussurrou ela.

Mas o corvo simplesmente abriu as asas e voou dali.